REVISTA INCLUSIONES M.R.
REVISTA DE HUMANIDADES Y CIENCIAS SOCIALES

CUADERNOS DE SOFÍA EDITORIAL

ISSN 0719-4706 - Volumen 8 / Número 1 / Enero – Marzo 2021 pp. 292-303

TRANS E COVID-19: O DESAFIO DA (IN)VISIBILIDADE E DO ATENDIMENTO DAS DEMANDAS SOCIAIS, ECONÔMICAS E DE SAÚDE

TRANS AND COVID-19: THE CHALLENGE OF (IN)VISIBILITY AND ATTENDANCE SOCIAL, ECONOMIC AND HEALTH DEMANDS

Mg. Andresa Pinho Soster
Universidade do Porto, Portugal
ORCID: 0000-0001-6996-3778
Correo electronico: apsoster@hotmail.com
Dr. Liliana Rodrigues
Universidade do Porto, Portugal
ORCID: 0000-0001-6900-9634
frodrigues.liliana@gmail.com
Lic. Miguel Luis Alves de Souza
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
ORCID: 0000-0002-9012-9996
mlalvesdesouza@outlook.com

Fecha de Recepción: 09 de noviembre de 2020 – **Fecha Revisión**: 16 de noviembre de 2020

Fecha de Aceptación: 17 de diciembre de 2020 – **Fecha de Publicación**: 01 de enero de 2021

Resumo

Neste primeiro semestre de 2020, o vírus SARS-CoV-2 atingiu números extremos de infectados ao redor do mundo. As desigualdades sociais e econômicas, contribuem para aumentar a vulnerabilidade, e trazer maiores chances para o adoecimento e mortalidade pela doença COVID-19, em grupos marginalizados, que incluem as pessoas trans. Podemos citar as seguintes vulnerabilidades enfrentadas: psicológicas (maiores índices de depressão, ansiedade, angústia, ideação e tentativas de suicídio), sociais (marginalização, exclusão nas políticas sociais), econômicas (dificuldades de acesso ao mercado de trabalho), e físicas (violência; dificuldades de acesso aos serviços de saúde). O objetivo deste artigo foi explorar na literatura as vulnerabilidades deste grupo, assim como propor aspectos inclusivos nas intervenções para as pessoas trans. Conclui-se que o conhecimentos sobre as demandas sociais, econômicas e psicológicas pode favorecer a empatia dos profissionais de saúde, e contribuir para a melhoria nas intervenções junto às pessoas trans, diminuindo assim as chances de mortalidade por COVID-19.

Palavras-Chaves

Pessoas Transgênero – Marginalização Social – Infecções por Coronavirus – Serviços de Saúde

Abstract

In this first half of 2020, the SARS-CoV-2 virus has reached extreme numbers of infected people around the world. Social and economic inequalities contribute to increase vulnerability, and bring greater chances for illness and mortality from COVID-19 disease, in marginalized groups, which include trans people. We can cite the following vulnerabilities faced: psychological (higher rates of depression, anxiety, anguish, ideation, suicide attempts), social (marginalization, exclusion in social policies), economic (difficulties in accessing the labor market), and physical (violence difficulties in

accessing health services). The aim of this article was to explore the vulnerabilities of this group in the literature, as well as to propose inclusive aspects in interventions for trans people. It is concluded that knowledge about social, economic and psychological demands can favor the empathy of health professionals, and contribute to the improvement of interventions with trans people, thus reducing the chances of mortality due to COVID-19.

Keywords

Transgender People – Social Marginalization – Coronavirus Infections – Health Services

Para Citar este Artículo:

Soster, Andresa Pinho; Rodrigues, Liliana y Souza, Miguel Luis Alvees de. Trans e COVID-19: o desafio da (in)visibilidade e do atendimento das demandas sociais, econômicas e de saúde. Revista Inclusiones Vol: 8 num 1 (2021): 292-303.

Licencia Creative Commons Atributtion Nom-Comercial 3.0 Unported
(CC BY-NC 3.0)
Licencia Internacional



Introdução

Ao que podemos observar no primeiro semestre do ano de 2020, o avanço do vírus SARS-CoV2 atingiu proporções extremas quanto ao número de pessoas infectadas e mortas por COVID-19, a doença provocada pelo respectivo vírus, ao redor do mundo[1]. Uma série de consequências, ainda inestimadas, por tratar-se de um fenômeno pouco conhecido, têm sido exploradas por cientistas e pesquisadores. Porém, o que nos fica cada vez mais evidente é que as desigualdades políticas, econômicas e sociais têm contribuído para o avanço no número de infectados/as e o aumento dos índices de mortalidades entre grupos socialmente marginalizados[2]. As pessoas trans, que são aquelas que não se identificam com o sexo que lhes foi atribuído ao nascimento, geralmente têm dificuldades de acesso aos serviços de saúde, e podem vir a sofrer piores consequências quando buscam por intervenções para demandas físicas e psicológicas agravadas pelo COVID-19[3]. Estas dificuldades muitas vezes se dão devido aos/às profissionais da área da saúde não apresentarem o devido preparo para atender as demandas específicas deste público. Além disto, as políticas de isolamento social, apesar de neste momento, serem a ferramenta mais eficaz contra o COVID-19, podem provocar a perda dos meios de subsistência, tais como a falta de comida, abrigo, piora nas condições de higiene, autocuidado e saúde, dentre outras necessidades básicas, principalmente aos grupos marginalizados, na qual incluem-se as pessoas trans. Tais problemas de ordem econômica e social, acabam por impactar de maneira desproporcional a estas pessoas, ao contribuir para a exposição deste grupo a maiores riscos e múltiplas vulnerabilidades.

A teoria da interseccionalidade pressupõe que as opressões estão inter-relacionadas e que o seu impacto é multiplicativo e não somativo ou aditivo. Baseia-se na ideia de que a interseção dos diferentes eixos de opressão cria concretas e complexas experiências de discriminação (e não apenas a soma de discriminações isoladas)[4]. Por outras palavras, as pessoas trans podem pertencer a determinada classe social, condição funcional, nacionalidade, idade, etc. Estas pertenças "identitárias" configuram-se e dão origem a matrizes concretas de opressão.

As políticas interseccionais podem auxiliar os/as pesquisadores/as e profissionais em saúde para que entendam e respondam a experiências complexas de desigualdade e

[1] Organização Mundial da Saúde (OMS), "Transmission of SARS-CoV-2: implications for infection prevention precautions." Publicado em 09 de julho de 2020. Último acesso em julho de 2020. https://www.who.int/news-room/commentaries/detail/transmission-of-sars-cov-2-implications-for-infection-prevention-precautions

[2] Amaya Perez-Brumer y Alfonso Silva-Santisteban, "COVID-19 Policies can Perpetuate Violence Against Transgender Communities: Insights from Peru", AIDS and Behavior (2020): 19

[3] Giancarlo Spizzirri; Cila Ankier y Carmita Helena Abdo, "Considerações sobre o atendimento aos indivíduos transgêneros", Revista Diagnóstico & Tratamento, Vol: 22 num 4 (2017).

[4] Jennifer C. Nash, "Re-thinking intersectionality". Feminist review, num 89 (2008); Victoria Pruin DeFrancisco y Catherine Helen Palczewski, Communicating gender diversity. A critical approach (Londres: Sage Publications: 2007); Gerard Coll-Planas, "El circo de los horrores. Una mirada interseccional a las realidades de lesbianas, gays, intersex y trans", em Intersecciones: cuerpos y sexualidades en la encrucijada, eds Raquel Lucas Platero Méndez (Barcelona: Bellaterra: 2012); Leslie McCall, "The Complexity of Intersectionality", Signs: Journal in Culture and Society, Vol: 30 num 3 (2007) y C. Nogueira, "A Teoria da Interseccionalidade nos estudos de género e sexualidades: condições de produção de "novas possibilidades" no projeto de uma psicologia feminista crítica." em Práticas Sociais, Políticas Públicas e Direitos Humanos. Eds Ana Lídia Campos Brizola, Andrea Vieira Zanella (Florianópolis: ABRAPSO – NUPPE/CFH/UFSC: 2013): 227-248.

problemas de saúde em um contexto estrutural[5]. Acredita-se que ao promover conhecimentos sobre as necessidades sociais, econômicas e psicológicas das pessoas trans pode-se favorecer a prática profissional e manejo das intervenções junto a estas pessoas[6]. Além de respeitar e atender as demandas médicas e psicológicas pré-existentes, tais intervenções podem diminuir as chances de mortalidade por COVID-19[7]. Desta forma, pode-se contribuir para diminuir a marginalização social das pessoas trans, e relativas consequências negativas para este público. Para tanto, este artigo tem o objetivo de, através de uma resenha teórica explorar vulnerabilidades das pessoas trans, assim como propor aspectos inclusivos nas intervenções em e para a saúde. Desta maneira busca-se promover a saúde, e a adesão ao tratamento para COVID-19, a fim de aumentar o acesso de pessoas trans aos serviços de saúde e diminuir o sofrimento e a mortalidade junto a este público.

A marginalização social da comunidade trans e as suas consequências

Sendo a identidade de uma pessoa interseccional, as pessoas trans apresentem características que as colocam em intersecção com pertenças marginalizadas pela sociedade, tais como, características relacionadas à raça/etnicidade, ter nível econômico baixo, diversidade funcional, ter status de imigração, dentre outras[8]. De acordo com a teoria da interseccionalidade, características, tais como raça, gênero, diversidade funcional, sexualidade, classe, idade e outras categorias sociais podem vir a ser mutuamente moldadas e inter-relacionadas para produzir relações de poder e opressão[9]. A interseccionalidade, surge como uma abordagem não apenas teórica, mas da práxis, há cerca de 30 anos, a partir do feminismo negro americano[10] e, desde então, tem sido cada vez mais utilizada como um referencial teórico e político que tem conferido às abordagens trans novas e progressistas inteligibilidades[11]. Na área da saúde, esta abordagem tornou-se mais amplamente usada a partir de 2012, quando Lisa Bowleg propôs a ideia de uma abordagem interseccional em saúde pública[12]. Desde então, um crescente, mas ainda não satisfatório, número de estudos em saúde procuram avaliar a relação entre múltiplas formas

[5] Emma Heard; Lisa Fitzgerald; Britta Wigginton y Allyson Mutch, "Applying intersectionality theory in health promotion research and practice", Health Promotion International Vol: 11 num 1 (2019).
[6] Kristen E. Benson, "Seeking Support: Transgender Client Experiences with Mental Health Services", Journal of Feminist Family Therapy, Vol: 25 num 1 (2013): 17
[7] Amaya Perez-Brumer y Alfonso Silva-Santisteban. "COVID-19 Policies can"… y Giancarlo Spizzirri; Cila Ankier y Carmita Helena Abdo, "Considerações sobre"…
[8] Jae M. Sevelius; Luis Gutierrez Mock; Sophia Zamudio-Haas; Breonna McCree; Azize Ngo; Akira Jackson; Carla Clynes; Luz Venegas; Arianna Salinas; Cinthya Herrera; Ellen Stein; Don Operario & Kristi Gamarel, "Research with Marginalized Communities: Challenges to Continuity During the COVID-19 Pandemic" AIDS and Behavior num 1 Vol: 4 (2020)
[9] Carla Rice; Elisabeth Harrison y May Friedman, "Doing Justice to Intersectionality in Research", Cultural Studies ↔ Critical Methodologies. Vol: 19 num 6 (2019). 409-420.
[10] Kimberle Crenshaw, "Demarginalizing the intersection of race and sex: A black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics", University of Chicago Legal Forum. 1989: 1 (1989): 139–167
[11] Liliana Graciete Fonseca Rodrigues, "Viagens Trans(Género) em Portugal e no Brasil: Uma Aproximação Psicológica Feminista Crítica". (Tese de Doutoramento em Psicologia, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, 2016) y Liliana Rodrigues; Nuno Santos Carneiro y Conceição Nogueira, "Problematização do feminismo interseccional: o lugar das pessoas trans(género) no Brasil e em Portugal". Em Múltiplas Discriminações, eds Manuela Tavares e Teresa Sales (Lisboa: UMAR, 2016).
[12] Madina Agénor, "Future Directions for Incorporating Intersectionality Into Quantitative Population Health Research", American Journal of Public Health, Vol: 110 num 6 (2020) 803–806.

de desigualdades sociais e consequências na prestação de serviços em saúde. Os/as pesquisadores/as de saúde pública reconhecem cada vez mais a interseccionalidade como uma abordagem teórica que fornece uma estrutura para investigar as desigualdades em saúde, destacando as interseções das múltiplas identidades dos indivíduos nos sistemas sociais de poder que compõem e exacerbam experiências e problemas de saúde[13]. Muitas políticas sociais e de saúde acabam por usar princípios restritivos e punitivos, infringindo direitos humanos e ampliando vulnerabilidades.

Segundo uma perspectiva intersecional, nem sempre as pessoas trans circunscrevem um caráter de inevitável maior vulnerabilidade (com as suas variadas pertenças) comparativamente a outras pessoas[14]. No entanto, não hierarquizando opressões, em determinadas sociedades e contextos históricos, algumas dessas mesmas opressões podem adquirir um caráter de maior vulnerabilidade (e.g., situação de crise económica, pandemia)[15]. Dito de outra forma, ser trans, trabalhador/a do sexo, ter status econômicos e sociais desfavoráveis, ter falta de recursos alimentares, status de imigrante, poderão colocar as pessoas trans em maior vulnerabilidade ao vírus SARS-CoV2, e consequente adoecimento por COVID-19[16].De facto, nas sociedades ocidentais as pessoas trans (que podem também ser gays, lésbicas, bissexuais, assexuais ou rejeitarem qualquer identidade associada à orientação sexual) tendem a encontrar-se em situações de maior vulnerabilidade social e, consequentemente, estigmatização e discriminação do que as lésbicas, os gays, e/ou outros grupos sociais[17].

Algumas pertenças identitárias podem acrescentar vulnerabilidade à experiência trans, nomeadamente a sua pertença a determinada "raça"/etnia, orientação sexual, ao facto de não desenvolverem estratégias de "passing[18] e saírem de casa (ou serem mesmo expulsas) pelo seu *coming out* à família[19]

Mais: algumas pessoas trans têm vindo a ser violentadas não só fisicamente, mas também de forma psicológica e institucional (e.g., não reconhecimento dos seus direitos); outras têm vindo a tentar o suicídio, ainda muito jovens; e outras têm sido assassinadas

[13] Emma Heard; Lisa Fitzgerald; Britta Wigginton y Allyson Mutch, "Applying intersectionality…

[14] Miquel Missé, Transexualidades: Outras Miradas Posibles (Barcelona, Madrid: Egales, 2014).

[15] V. Viviane. "É a natureza quem decide? Reflexões trans* sobre gênero, corpo e abuso de substâncias." Transfeminismo: Teorias e Práticas, eds Jaqueline Gomes de Jesus (Rio de Janeiro: Metanoia, 2014). 19-41

[16] Amaya Perez-Brumer y Alfonso Silva-Santisteban, "COVID-19 Policies can" …

[17] Gerard Coll-Planas, "El circo de los horrores...; Carlos Gonçalves Costa; Miguel Pereira; João Manuel de Oliveira y Conceição Nogueira, "Imagens sociais das pessoas LGBT", em Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género, eds. Conceição Nogueira, João Manuel de Oliveira (Lisboa: CIG. 2010) y TGEU, 'TMM Update Trans Day of Remembrance 2019: 331 reported murders of trans and gender-diverse people in the last year.' Publicado em novembro de 2019. Último acesso em outubro de 2020. https://tgeu.org/tmm-update-trans-day-of-remembrance-2019/

[18] O "passing" ou "passabilidade" pode ser entendido como a perceção de outras pessoas de que a pessoa não é trans. Refere-se, neste caso, às pessoas que sendo trans passam por não trans; Guilherme Gomes Ferreira, "A prisão sobre o corpo trans: género e significados sociais", em Transfeminismo: Teorias e Práticas, eds. Jaqueline Gomes de Jesus (Rio de Janeiro: Metanoia, 2014) y Larissa Pelúcio, "Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo da aids", (São Paulo: Annablume, 2006).

[19] Arlene Istar Lev, Transgender emergence: Therapeutic guidelines for working with gender-variant people and their families (New York: Routledge, 2004) y John Money; Florence Clarke y Tom Mazur, "Families of seven male-to-female transsexuals after 5-7 years: Sociological sexology", Archives of Sexual Behavior, Vol: 4 num 2 (1975) 187-197.

(e.g., Brasil, México, Colômbia, Argentina, Índia). Este contexto histórico, social e político de opressão tem condicionado a que poucas pessoas trans cheguem à velhice[20]. Quando estas sobrevivem, podem sofrer o impacto do envelhecimento nas suas vidas[21], principalmente quando estas são/foram trabalhadoras sexuais[22].

O trabalho sexual, pode surgir como alternativa para a satisfação das próprias necessidades econômicas das pessoas trans mediante o preconceito e a falta de oportunidades no mercado de trabalho. Após o início da pandemia, muitas pessoas trans continuam a desempenhar as suas funções, mesmo com os riscos para a saúde e violência terem aumentando. À medida que a demanda por trabalho sexual pode vir a aumentar, devido a procura por clientes que buscam por este serviços, devido ao estresse provocado pelo isolamento social, também existem relatos de clientes que estão desesperados por dinheiro, e acabam por atacar fisicamente e, ou, roubando profissionais do sexo[23]. As dificuldades econômicas e maiores dificuldades no acesso a saúde também pode levar a diminuição do autocuidado e maior exposição ao HIV[24]. O fato de constituírem um grupo socialmente marginalizado contribui para a diminuição de poder, o que trará consequências para o acesso aos direitos sociais, satisfação de necessidades econômicas básicas, e prestação de serviços em saúde[25]. Além disto, neste momento, percebemos o surgimento de políticas que, ao invés de incluir, promovem e perpetuam a violência e a marginalização das pessoas trans. Citamos como exemplo iniciativas no Panamá, Peru e Colômbia (embora principalmente em Bogotá e em Cartagena), que adotaram políticas de distanciamento social, restringindo a mobilidade dos/ãs cidadãos/ãs com base em binarismos de gênero. Isso significa que em dias alternados as mulheres têm permissão para acessar serviços essenciais e, nos outros dias, homens. As pessoas que existem fora deste entendimento hegemônicos acabam por não terem visibilidade, como se não existissem[26]. Algumas instituições, coletivos e ativistas pelos direitos LGBTQ+ pediram a modificação do decreto de "pico e gênero", como foi chamada na Colômbia a política de restrição de circulação baseado no gênero. As razões para a modificação consistem em riscos adicionais, que tais políticas podem criar para estes grupos, que já enfrentam uma exclusão social estrutural[27].

---

[20] Noelia Fernández-Rouco; Félix López Sánchez y Rodrigo J. Carcedo González, "Transexualidad y vejez: una realidad por conocer", Revista Kairós Gerontologia. Vol: 15 num 5 (2012) 15-25; F. H. Lopes, "Agora, as mulheres são outras. Travestilidade e envelhecimento", em Transfeminismo: Teorias e Práticas, eds. Jaqueline Gomes de Jesus (Rio de Janeiro: Metanoia, 2015) y Tarynn Witten, "Life course analysis: The courage to search for something more: Middle adulthood issues in the transgender and intersex community." Journal of Human Behavior in a Social Environment. Vol: 8 num 3 (2004) 189-224.

[21] Pedro Paulo Sammarco Antunes, "Travestis envelhecem?" (Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010).

[22] Faz-se notar que este trabalho não assume juízos de valor em relação às vivências de trabalho sexual/ prostituição que se relacionam com o percurso de pessoas trans; considerando que estas vivências assumem significados sempre individualizados e portadores de sentidos diversos, chama-se apenas a atenção para o facto de poderem estar presentes situações de vulnerabilidade (que não necessariamente universais) interseccionadas com os percursos trans.

[23] Jae M. Sevelius; Luis Gutierrez Mock; Sophia Zamudio-Haas; Breonna McCree; Azize Ngo; Akira Jackson; Carla Clynes; Luz Venegas; Arianna Salinas; Cinthya Herrera; Ellen Stein; Don Operario & Kristi Gamarel, "Research with Marginalized…

[24] Amaya Perez-Brumer y Alfonso Silva-Santisteban, "COVID-19 Policies can" …

[25] Carla Rice; Elisabeth Harrison y May Friedman, "Doing Justice …

[26] Amaya Perez-Brumer y Alfonso Silva-Santisteban, "COVID-19 Policies can" …

[27] Raphaela Ramos. "Coronavírus: países determinam rodízio por gênero para sair de casa. Mas será que essa é uma boa estratégia?" Publicado em abril de 2020. Último acesso em outubro de

Mesmo com as autoridades afirmando que as pessoas seriam respeitadas em relação à sua identidade de gênero, na prática, já existem evidências de violação de direitos de pessoas trans, no Panamá, por exemplo[28]. No Peru, a medida de restrição por gênero foi cancelada, e substituída por um decreto que determina que apenas uma pessoa por núcleo familiar pode sair para as tarefas essenciais, de segunda a sábado.

No âmbito acadêmico, a própria marginalização pode limitar o acesso de certos grupos a participarem significativamente da pesquisa científica. Desta forma, limita-se a percepção a respeito de suas necessidades[29]. Neste sentido, tais características relativas à marginalização, discriminação e estigmatização fazem pressupor o aumento da vulnerabilidade das pessoas trans para o desenvolvimento de sintomas do COVID-19, e para o risco de mortalidade, visto que as dificuldades de acesso à saúde, e as experiências complexas de desigualdade já são condições pré-existentes que pioram durante esta pandemia.[30]

O (Não) Atendimento das demandas em saúde das pessoas trans

As pessoas que se identificam como trans tendem a apresentar maiores índices de depressão, ansiedade, angústia, ideação e tentativas de suicídio, em relação à população em geral. Mas nem por isso recebem a devida atenção diante desta demanda[31]. Apesar destes índices, muitas pessoas trans relatam receios, preocupações e grandes dificuldades na busca por serviços de saúde[32]. Este receio pode se dar pela carência na formação dos profissionais que prestam atendimento e serviços em saúde, e consequente despreparo para atender as suas demandas[33]. A maioria dos profissionais de saúde nunca recebeu treinamento sobre sexualidade e identidade de gênero. Este tipo de treinamento raramente é integrado aos currículos de treinamento de profissionais de saúde, reforçando a noção de que o conhecimento sobre a saúde LGBTQ+ seria opcional. Com o fenômeno da pandemia problemas na satisfação das demandas das pessoas trans vem sendo agravados. Existem atrasos nas intervenções biomédicas com pessoas trans, como hormônios e cirurgias, devido ao encerramento de clínicas e atrasos em cirurgias "eletivas", intervenções que por muitas vezes podem reduzir os riscos de adoecimento psicológico[34].

2020. https://oglobo.globo.com/celina/coronavirus-paises-determinam-rodizio-por-genero-para-sair-de-casa-mas-sera-que-essa-uma-boa-estrategia-24368914.

[28] Megha Mohan, "Coronavírus: o sofrimento da comunidade trans com o 'lockdown por gênero' no Panamá", BBC News Brasil. Publicado em maio de 2020. Último acesso em outubro de 2020. https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52710374.

[29] Jae M. Sevelius; Luis Gutierrez Mock; Sophia Zamudio-Haas; Breonna McCree; Azize Ngo; Akira Jackson; Carla Clynes; Luz Venegas; Arianna Salinas; Cinthya Herrera; Ellen Stein; Don Operario & Kristi Gamarel, "Research with Marginalized…

[30] Emma Heard; Lisa Fitzgerald; Britta Wigginton y Allyson Mutch, "Applying intersectionality theory in health promotion research and practice". Health Promotion International. Vol: 35 num 4 (2019). 866-876 y William E. Rosa; Alic Shook y Kimberly D. Acquaviva, "LGBTQ+ Inclusive Palliative Care in the Context of COVID-19: Pragmatic Recommendations for Clinicians", Journal of Pain and Symptom Management. Vol: 60 num 2 (2020) 1-4

[31] Yuanyuan Wang; Bailin Pan; Ye Liu; Amanda Wilson; Jianjun Ou y Runsen Chen, "Health care and mental health challenges for transgender individuals during the COVID-19 pandemic". The Lancet Diabetes & Endocrinology num 8 (2020)

[32] Giancarlo Spizzirri; Cila Ankier y Carmita Helena Abdo, "Considerações sobre" ...

[33] Kristen E. Benson, "Seeking Support: Transgender …

[34] Jae M. Sevelius; Luis Gutierrez Mock; Sophia Zamudio-Haas; Breonna McCree; Azize Ngo; Akira Jackson; Carla Clynes; Luz Venegas; Arianna Salinas; Cinthya Herrera; Ellen Stein; Don Operario & Kristi Gamarel. "Research with Marginalized…

A frustração pelo atraso, aliado ao isolamento social relativo à pandemia, pode vir a causar sérios problemas de saúde mental, aumentando as chances para a depressão, a ansiedade e o suicídio.

O estresse crônico que muitos indivíduos da comunidade LGBTQ+ experimentam como resultado da desigualdade sistêmica e a marginalização tendencialmente será exacerbada pelo COVID-19[35]. Mesmo com a existência de alguns grupos de apoio pessoal para lidar com problemas de saúde mental, nem todos os membros da comunidade trans têm acesso aos recursos disponíveis, devido a condições sociais e econômicas desfavoráveis. Como citado anteriormente, por ser um grupo marginalizado, as desigualdades enfrentadas pelos indivíduos trans relativas às políticas e aspectos sociais baseadas em normas binárias de gênero, podem aumentar o risco de doenças e mortalidade durante o COVID-19[36]. Além disto, algumas pessoas podem passar por dificuldades essenciais, como alimentação e higiene. Nem toda a pessoa trans tem uma boa relação com família de origem, ou pessoas próximas com quem contar para satisfação de necessidades básicas. Muitas pessoas deixaram de receber recursos financeiros após a pandemia, e geralmente não têm a quem solicitar apoio.

Aspectos e Intervenções inclusivas para a saúde de pessoas trans

A interseccionalidade pode auxiliar pesquisadores e profissionais em saúde para que entendam e respondam a experiências complexas de desigualdade e problemas de saúde em um contexto estrutural, trabalhando não apenas para desocultar desigualdades, mas também para alterá-las[37]. Em se tratando de atender as demandas em saúde das pessoas trans, a avaliação deve ser inclusiva, e tratar de aspectos em saúde mental e física das pessoas. No contexto COVID-19, além das questões inerentes ao adoecimento pelo vírus, também é necessária a avaliação da qualidade de vida, das funções físicas, de possíveis complicações cirúrgicas e problemas de saúde relacionados a hormônios. Essa avaliação pode identificar riscos para desenvolver graves problemas de saúde psicológicos ou físicos, e prevenir a mortalidade de pessoas pertencentes a este grupo[38].

No que tange ao atendimento especifico de pessoas trans, este deve ser efetivamente revolucionária, numa relação mais acolhedora e colaborativa com as pessoas trans, com orientações clinicas claramente receptivas às necessidades das pessoas trans, reconhecendo a heterogeneidade de identidades e vivencias, incluindo o direito à autodeterminação das suas identidades e da gestão dos seus corpos[39]. Esta intervenção pretende-se trans afirmativa, seguindo um conjunto de recomendações específicas desenvolvidas por Rupert Raj, a saber: filosofia de orientação/intervenção clínica; considerações de avaliação; considerações de intervenção (incluindo psicoterapia, subpopulações diversificadas e subpopulações marginalizadas); a relação terapêutica; gestão abrangente de casos, responsabilização; advocacia/construção de alianças; base de conhecimentos/desenvolvimento profissional; e investigação.

---

[35] William E. Rosa; Alic Shook y Kimberly D. Acquaviva. “LGBTQ+ Inclusive ...

[36] Raphaela Ramos, “Coronavírus: países determinam ...

[37] Emma Heard; Lisa Fitzgerald; Britta Wigginton y Allyson Mutch, “Applying intersectionality theory…

[38] Giancarlo Spizzirri; Cila Ankier y Carmita Helena Abdo, “Considerações sobre” ... y Yuanyuan Wang; Bailin Pan; Ye Liu; Amanda Wilson; Jianjun Ou y Runsen Chen, “Health care and...

[39] Rupert Raj, “Towards a Transpositive Therapeutic Model: Developing Clinical Sensitivity and Cultural Competence in the Effective Support of Transsexual and Transgendered Clients”, The International Journal of Transgenderism. Vol: 6 num 2 (2020).

De forma mais detalhada, ao prestar atendimento para as pessoas trans os/as profissionais devem limitar as perguntas consideradas relevantes e necessárias para o atendimento de cada indivíduo. Além disso, eles/as devem evitar fazer perguntas que derivam principalmente de sua curiosidade pessoal sobre a vida, corpo ou sua experiência. A entrevista feita por profissionais da saúde, direcionado ao público trans, ou à pessoas que rompam com as normas de gênero, deve incluir perguntas, tais como: "Como você gostaria que eu te chamasse?"; "Qual pronome de gênero que você costuma usar?" "Quem você considera ser a sua família?"; "Quem estaria disponível para ajudá-lo após a alta, com suas necessidades diárias?". Quanto a preocupação da iminência do agravamento do quadro clínico, também podem ser realizados questionamentos que incluem: "Se chegar a um momento em que você esteja muito doente, para dar a conhecer seus desejos em relação aos seus cuidados, quem você escolheria para tomar decisões em seu nome? Você colocou essa decisão por escrito?", ou, "Com quem você gostaria que eu compartilhasse informações sobre o seu quadro?" Esta prática afirmativa e acolhedora pode ajudar a promover a confiança, transparência, envolvimento da pessoa adoecida, e da família e/ou cuidadores (quando houverem), além do alinhamento com valores e preferências individuais, diminuindo estressores em meio à tensão do COVID-19[40]. Geralmente a família de um/uma usuário/a é comunicada em casos graves, ou tomadas de decisões importantes. Porém, no caso de pessoas trans, é importante lembrar que muitos sofrem um processo de rejeição pela família de origem, e as mesmas acabam por eleger, ou criar vínculos com outras pessoas que possam desempenhar este papel.

Além disso, a interseccionalidade como abordagem de ação em saúde pública se concentra em políticas e práticas inclusivas, como as citadas acima, consideram os múltiplos locais sociais dos indivíduos em contextos sociais, culturais e políticos complexos e demais variáveis pertinentes[41]. Neste sentido, o conhecimento sobre as demandas sociais, econômicas e psicológicas que apresentam as pessoas trans podem favorecer o cuidado e escuta atenta e viva dos profissionais de saúde. Tais conhecimentos e práticas podem contribuir para a adesão na intervenção da pessoa trans, diminuindo assim as chances de mortalidade diante do cenário do COVID-19[42].

Conclusão

Este artigo teve por objetivo explorar vulnerabilidades da comunidade trans, assim como propor aspectos inclusivos nas intervenções em saúde para promoção, prevenção e adesão ao tratamento para COVID-19, a fim de aumentar o acesso de pessoas trans aos serviços de saúde e diminuir o sofrimento e a mortalidade junto a este público. Acredita-se que a limitação deste apanhado esteja no número restrito de estudos que contemplem a interação da temática trans e COVID-19. É um fenômeno ainda muito recente, com consequências desconhecidas, que precisam ser observadas, a fim de serem examinadas e descritas.

Os dados encontrados neste estudo abrem campo para novas perspectivas no estudo da temática. Este conhecimento, assim com as propostas de abordagem trans afirmativas e interseccionais, podem auxiliar os/as profissionais da saúde a compreender as reais demandas, e estarem mais preparados/as para atender as necessidades das

[40] William E. Rosa; Alic Shook y Kimberly D. Acquaviva. "LGBTQ+ Inclusive ... y Giancarlo Spizzirri; Cila Ankier y Carmita Helena Abdo, "Considerações sobre" ...
[41] Emma Heard; Lisa Fitzgerald; Britta Wigginton y Allyson Mutch, "Applying intersectionality theory…
[42] Amaya Perez-Brumer, Alfonso Silva-Santisteban. "COVID-19 Policies can" … (2020): 19

pessoas trans. Estas abordagens de sustentação teórica e pratica favorecem o desenvolvimento de políticas e práticas em saúde inclusivas para pessoas trans. Isto contribui para a construção de estratégias de prevenção à saúde e diminuição da marginalização, violência e vulnerabilidade numa esfera física, psicológica e social. Busca-se auxiliar, assim, para a maior equidade e prevenção do adoecimento e mortalidade destas pessoas.

Referências

Agénor Madina. "Future Directions for Incorporating Intersectionality Into Quantitative Population Health Research". American Journal of Public Health, Vol: 110 num 6 (2020) 803–806.

Antunes, Pedro Paulo Sammarco. "Travestis envelhecem?" Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. 2010.

Benson, Kristen E. "Seeking Support: Transgender Client Experiences with Mental Health Services". Journal of Feminist Family Therapy, Vol: 25 num 1 (2013)

Coll-Planas, Gerard. "El circo de los horrores. Una mirada interseccional a las realidades de lesbianas, gays, intersex y trans", em Intersecciones: cuerpos y sexualidades en la encrucijada, eds Raquel Lucas Platero Méndez. Barcelona: Bellaterra. 2012.

Costa Carlos Gonçalves, Pereira y Oliveira João Manuel de, Nogueira Conceição. "Imagens sociais das pessoas LGBT", em Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género, eds. Conceição Nogueira, João Manuel de Oliveira. Lisboa: CIG. 2010. 93-147

Crenshaw Kimberle. "Demarginalizing the intersection of race and sex: A black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics." University of Chicago Legal Forum. 1989 num 1 (1989). 139–167

De Francisco Victoria Pruin, Palczewski Catherine Helen. Communicating gender diversity. A critical approach. Londres: Sage Publications. 2007.

Fernández-Rouco Noelia, Sánchez Félix López, González Rodrigo J. Carcedo. "Transexualidad y vejez: una realidad por conocer". Revista Kairós Gerontologia. Vol: 15 num 5 (2012) 15-25.

Ferreira Guilherme Gomes. "A prisão sobre o corpo trans: género e significados sociais.", em Transfeminismo: Teorias e Práticas, eds. Jaqueline Gomes de Jesus. Rio de Janeiro: Metanoia. 2014.108-123.

Heard Emma, Fitzgerald Lisa, Wigginton Britta, Mutch Allyson. "Applying intersectionality theory in health promotion research and practice". Health Promotion International Vol: 11 num 1 (2019).

Lev Arlene Istar. Transgender emergence: Therapeutic guidelines for working with gender-variant people and their families. New York: Routledge. 2004.

Lopes, F. H. “Agora, as mulheres são outras. Travestilidade e envelhecimento”, em Transfeminismo: Teorias e Práticas, eds. Jaqueline Gomes de Jesus. Rio de Janeiro: Metanoia. 2015. 171-192

McCall Leslie. “The Complexity of Intersectionality”. Signs: Journal in Culture and Society, 30:3. 2007

Missé Miquel. “Transexualidades: Outras Miradas Posibles.” Barcelona, Madrid: Egales. 2014.

Mohan Megha. “Coronavírus: o sofrimento da comunidade trans com o 'lockdown por gênero' no Panamá”. BBC News Brasil. Publicado em maio de 2020. https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52710374

Money John, Clarke Florence, Mazur Tom. “Families of seven male-to-female transsexuals after 5-7 years: Sociological sexology”. Archives of Sexual Behavior, Vol: 4 num 2 (1975) 187-197.

Nash Jennifer C. “Re-thinking intersectionality”. Feminist review Vol: 89 num 1 (2008).

Nogueira C. “A Teoria da Interseccionalidade nos estudos de género e sexualidades: condições de produção de “novas possibilidades” no projeto de uma psicologia feminista crítica.” em Práticas Sociais, Políticas Públicas e Direitos Humanos. Eds Ana Lídia Campos Brizola, Andrea Vieira Zanella. Florianópolis: ABRAPSO – NUPPE/CFH/UFSC: 2013. 227-248.

Organização Mundial da Saúde (OMS). “Transmission of SARS-CoV-2: implications for infection prevention precautions”. Publicado em 09 de julho de 2020. https://www.who.int/news-room/commentaries/detail/transmission-of-sars-cov-2-implications-for-infection-prevention-precautions

Pelúcio Larissa. “Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo da aids.” São Paulo: Annablume. 2006.

Perez-Brumer Amaya, Silva-Santisteban Alfonso. “COVID-19 Policies can Perpetuate Violence Against Transgender Communities: Insights from Peru”. AIDS and Behavior (2020).

Raj Rupert. “Towards a Transpositive Therapeutic Model: Developing Clinical Sensitivity and Cultural Competence in the Effective Support of Transsexual and Transgendered Clients”. The International Journal of Transgenderism. Vol: 6 num 2 (2020).

Ramos Raphaela. “Coronavírus: países determinam rodízio por gênero para sair de casa. Mas será que essa é uma boa estratégia?” Publicado em abril de 2020. https://oglobo.globo.com/celina/coronavirus-paises-determinam-rodizio-por-genero-para-sair-de-casa-mas-sera-que-essa-uma-boa-estrategia-24368914.

Rice Carla, Harrison Elisabeth, Friedman May. “Doing Justice to Intersectionality in Research”. Cultural Studies ↔ Critical Methodologies. Vol: 19 num 6 (2019): 409-420.

Rodrigues Liliana Graciete Fonseca. "Viagens Trans(Género) em Portugal e no Brasil: Uma Aproximação Psicológica Feminista Crítica." Tese de Doutoramento em Psicologia, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. 2016.

Rodrigues Liliana, Carneiro Nuno Santos, Nogueira Conceição. "Problematização do feminismo interseccional: o lugar das pessoas trans(género) no Brasil e em Portugal." Em Múltiplas Discriminações, eds Manuela Tavares e Teresa Sales. Lisboa: UMAR. 2016.

Rosa William E., Shook Alic, Acquaviva Kimberly D. "LGBTQ+ Inclusive Palliative Care in the Context of COVID-19:Pragmatic Recommendations for Clinicians". Journal of Pain and Symptom Management. Vol: 60 num 2 (2020): 1-4.

Sevelius Jae M., Mock Luis Gutierrez, Zamudio-Haas Sophia, McCree Breonna, Ngo Azize, Jackson Akira, Clynes Carla, Venegas Luz, Salinas Arianna, Herrera Cinthya, Stein Ellen, Operario Don & Gamarel Kristi. "Research with Marginalized Communities: Challenges to Continuity During the COVID-19 Pandemic" AIDS and Behavior. num 1 Vol: 4 (2020).

Spizzirri Giancarlo, Ankier Cila, Abdo Carmita Helena. "Considerações sobre o atendimento aos indivíduos transgêneros". Revista Diagnóstico & Tratamento. Vol: 22 num 4 (2017).

TGEU. "TMM Update Trans Day of Remembrance 2019: 331 reported murders of trans and gender-diverse people in the last year." Publicado em novembro de 2019. https://tgeu.org/tmm-update-trans-day-of-remembrance-2019/

Viviane V. "É a natureza quem decide? Reflexões trans* sobre gênero, corpo e abuso de substâncias." Transfeminismo: Teorias e Práticas, eds Jaqueline Gomes de Jesus. Rio de Janeiro: Metanoia. 2014. 19-41

Wang Yuanyuan, Pan Bailin, Liu Ye, Wilson Amanda, Ou Jianjun, Chen Runsen. "Health care and mental health challenges for transgender individuals during the COVID-19 pandemic". The Lancet Diabetes & Endocrinology num 8 (2020).

Witten Tarynn. "Life course analysis: The courage to search for something more: Middle adulthood issues in the transgender and intersex community". Journal of Human Behavior in a Social Environment Vol: 8 num 3 (2004): 189-224.

REVISTA INCLUSIONES M.R.
REVISTA DE HUMANIDADES Y CIENCIAS SOCIALES

CUADERNOS DE SOFÍA EDITORIAL

Las opiniones, análisis y conclusiones del autor son de su responsabilidad y no necesariamente reflejan el pensamiento de la **Revista Inclusiones**.

La reproducción parcial y/o total de este artículo debe hacerse con permiso de **Revista Inclusiones.**